

OS INTERNETÊS: A MULTIMODALIDADE PRESENTE NA ESCRITA JUVENIL

Sandra Rodrigues Sampaio CAMPÊLO¹
Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
Núcleo de Tecnologia Educacional
campelo.sandra@gmail.com

Resumo: O surgimento dos *internetês* trouxe inquietações no mundo dos letrados, por parte dos pais, dos professores e de toda a sociedade, de maneira geral. Num primeiro impacto a sensação é de total desacordo às normas da gramática, queda na qualidade de ensino-aprendizado, uma confusão/revolução na língua escrita. Num estudo mais específico vemos os *internetês* com olhos mais amadurecidos e notamos que suas especificidades dão vida, movimento ao texto. Isso tudo é consequência da nova forma de comunicação “imposta” pela sociedade que integra diversas modalidades sensoriais para estabelecer inter-relação. É a multimodalidade presente na escrita juvenil. Dessa necessidade de comunicação RÁPIDA que atendesse à velocidade da informação presente no dia-a-dia nasceram os *internetês*. Este estudo vem acontecendo há alguns anos junto a alunos da rede pública e privada (estes, via *on line*) de 12 a 17 anos em visitas a salas de bate-papos, *blogs*, *orkuts* e *facebooks*. Representa também as observações dos comportamentos dos alunos no laboratório de informática durante as aulas de Língua Portuguesa e a exploração de diversos gêneros da atualidade. Este trabalho é um relato de atividades desenvolvidas ao longo de 19 anos de regência e de pesquisa voltada para a Língua Portuguesa após o advento da internet.

Palavras-chave: internet; ensino; língua portuguesa; multimodalidade

1. INTRODUÇÃO

1.1 PARA INÍCIO DE CONVERSA

Sou professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal desde 1993. Já passei por diversas séries, desde jardim de infância até o Ensino Médio.

A partir de 1996, começou meu trabalho com adolescentes na faixa etária dos 12 a 17 anos que corresponde hoje do 6º ao 9º ano. Minha maior experiência foi com alunos de 8º e 9º ano.

Em 2003, fui para uma escola onde havia Laboratório de Informática. Lá começou minha história com a prática das novas tecnologias.

¹ Professora Efetiva da Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal; formada em Letras pelo Centro Universitário de Brasília (UniCeub) com especialização em Língua Portuguesa (UniCeub - 1997) e em Educação à Distância (Senac - 2006). Trabalhou em regência em sala de aula de 1993 a 2010. Atualmente é multiplicadora do Núcleo de Tecnologia Educacional de Ceilândia e trabalha na formação de professores quanto ao uso pedagógico das novas tecnologias em sala de aula.

A escola anterior, onde atuei, ficava na mesma cidade de Ceilândia, porém numa expansão, mais distante do centro. Havia computadores velhos, doados por órgãos públicos, mas não havia instalação elétrica e nem rede lógica. Resumindo: havia computadores, só.

Depois do primeiro impacto, percebi que poderia fazer algo diferente para meus alunos. Mas outra coisa me chamou atenção. Havia o laboratório, bem montado, com uma coordenação mediando e auxiliando os professores no uso, mas não havia interesse dos professores em conhecer as novas tecnologias e fazer uso do laboratório. O laboratório servia mais de *lan house* dentro da escola. Os alunos utilizavam mais para pesquisas.

Desde que cheguei a esta escola procurei conhecer melhor o que eu dispunha e o que eu poderia fazer. Quais seriam os possíveis trabalhos para trazer para a sala de aula. Em 2006 e 2007, assumi a coordenação do laboratório desta escola e cuidei para que fosse criada mais uma sala de informática. Em 2008, voltei para sala de aula e em razão das mudanças políticas os laboratórios foram fechados e todos os professores devolvidos à sala de aula. Em 2011, fui convidada pelo Núcleo de Tecnologia Educacional (NTE) para trabalhar na formação de professores da rede pública quanto ao uso dos computadores e do qual faço parte até hoje.

2. AS NOVAS TICS

2.1 A PRÁTICA

A oportunidade de trabalhar numa escola com laboratório me proporcionou atividades novas que me levaram à descoberta, à pesquisa; pois, até então não havia interesse meu, não havia como trabalhar, não havia motivação para tais inovações.

Ao chegar a escola com laboratório, minhas ideias mudaram. Eu queria transformar minhas aulas. Em princípio, tem-se muito receio, pois tem-se a ideia de que os alunos sabem muito por eles terem mais tempo de usar o computador, terem nascido na Era Digital. São os chamados Nativos Digital designação criada em 2001 pelo escritor, consultor e criador de sites voltados para jogos, Marc Presky em seu artigo Nativos digitais, imigrantes digitais.

Presky (2001, p.1) diz que “nossos alunos hoje são todos ‘nativos’ da linguagem digital dos computadores, videogames e da Internet.” E nós, que não nascemos para o mundo digital, mas nos tornamos parte desse mundo digital em algum momento; somos chamados de Imigrantes Digitais.

A diferença entre Imigrantes Digitais e Nativos Digitais é explicada por Presky (2001, p.2) da seguinte forma:

A importância da distinção é esta: ao passo que os Imigrantes Digitais aprendem, tal qual os demais - alguns com mais facilidades que os outros - a se adaptar ao seu próprio meio, eles sempre retém, em algum grau, seus “sotaques”, ou seja, suas raízes no passado. O "Sotaque do Imigrante Digital" pode ser notado em tarefas tais como usar a internet para a busca de informações ou simplesmente em ler o manual de um programa ao invés de assumir que o próprio programa é que vai lhes ensinar como usá-lo. (...) a necessidade de imprimir um documento escrito no computador, a fim de editá-lo (em vez de fazer a edição apenas na tela).

O NÃO-MEDO de ousar faz dos Nativos Digitais desbravadores das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICS). Enquanto os Imigrantes Digitais pegam os manuais de instrução para entender o funcionamento do celular novo, por exemplo, o Nativo Digital já vai testando todos os botões do novo equipamento sem ler nada.

Mas aos poucos percebi que meus alunos sabiam muito das redes sociais (*orkut*², *facebook*³, *myspace*), do MSN⁴, do *skype*. Mas, pouco ou nada sobre e-mail. Para muitos digitar em um documento Writer (correspondente ao Word) foi uma novidade. Salvá-lo e anexá-lo foi aprendizado novo. A partir daí fui levando novidades para sala: podcasts⁵, twitter⁶, webquest⁷. Todos os recursos trabalhados em sala me trouxeram retornos surpreendentes.

Meu primeiro trabalho com as novas tecnologias foi o uso do blog⁸ com os alunos. Em uma das muitas pesquisas, encontrei o blog da professora Gládis Leal voltado para educação. Vi a possibilidade de colocar meus alunos em contato com alunos dela, de Santa Catarina.

Uma das atividades do blog <http://palavraaberta.blogspot.com.br/> consistia em assistir a um vídeo “Dancem, macacos. Dancem” e em seguida tecer um comentário. O vídeo escolhido já fazia parte do material da professora Gládis e achei adequado, pois mexia com os alunos. Tratava-se de uma provocação que os instigava a argumentar.

Havia dificuldades: não existia data show na escola, a Internet era muito lenta e as caixas de som eram as do meu computador. Planejei a aula e levei a turma para o laboratório. Eles assistiram ao vídeo da tela de UM computador (devido os problemas já relatados) e em dupla (não tinha um computador para cada aluno) digitavam seus comentários sobre o vídeo para serem postados no blog. O surpreendente nesta aula foi a preocupação dos alunos com a ortografia das palavras. Eles tinham noção de que o que escrevessem ali seria visível para o mundo e a todo o momento me requisitavam para auxiliá-los na escrita do texto que embora fosse pequeno precisava estar correto.

² A rede social criada em 2004 pelo engenheiro de softwear turco, Orkut Buyukkokten, é uma ferramenta que pode ajudar você a manter contato com amigos e a conhecer pessoas com os mesmos interesses. Fonte: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/orkut-o-que-e-como-funciona-624758.shtml>

³ O Facebook é uma rede social que permite conversar com amigos e compartilhar mensagens, links, vídeos e fotografias. A ferramenta criada em 2004 pelos americanos Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Chris Hufghes e pelo brasileiro Eduardo Saverin também permite que você receba as novidades das páginas comerciais das quais gostar, como veículos de comunicação ou empresas. Fonte: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/como-funciona-facebook-624752.shtml>>

⁴ MSN Messenger, ou apenas MSN: programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft Corporation

⁵ Podcast é uma palavra que vem da junção de duas palavras: Ipod – aparelho produzido pela Apple que reproduz mp3 e Broadcast (transmissão ou distribuição de dados). É um programa de rádio personalizado, gravado nas extensões .mp3, .ogg ou .mp4, que são formatos digitais que permitem armazenar músicas e arquivos de áudio em um espaço relativamente pequeno, podendo ser armazenados no computador e/ou disponibilizados na Internet, vinculado a um arquivo de informação (feed) que permite que se assinem os programas, recebendo as informações sem precisar ir ao site do produtor (BARROS E MENTA, 2007 Fonte: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/bitstream/handle/1884/26451/ARAUJO%2c%20IRACILDA%20DOS%20SANTOS.pdf?sequence=1>>).

⁶ O Twitter é um site que permite enviar e receber mensagens curtas. A ideia veio dos amigos Biz Stone, Jack Dorsey e Evan Willians, dos Estados Unidos, que queriam compartilhar entre eles comentários gerais sobre suas rotinas. Em meados de 2006, surgiu então a ferramenta que mistura as características de uma rede social com a objetividade de uma mensagem de texto de celular. Fonte: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/twitter-o-que-e-como-funciona-624754.shtml>

⁷ O conceito foi criado em 1995 por Bernie Dodge, professor estadual da Califórnia (EUA) tendo como proposta metodológica o uso da Internet de forma criativa. A Webquest é uma atividade investigativa onde as informações com as quais os alunos interagem provêm da internet. Fonte: <http://webeduc.mec.gov.br/webquest/>

⁸ Os Blogs são páginas pessoais, em formato de diários, atualizadas a qualquer momento, trazendo links para outros blogs do dia-a-dia ou temas específicos, como cinema, arte música, educação e gira em torno de comentários sobre atualidades trazendo mais cor, expressão, identificação e individualidade à Internet. Fonte: <http://webeduc.mec.gov.br/webquest/>

A produção textual neste momento fez todo sentido para eles. Os alunos não estavam escrevendo para a professora ler, mas para o mundo ler. Eles deveriam assinar no final do comentário e o nome deles não podia aparecer para na rede associado a erros de ortografia. E isso é o fundamento do ensino de Língua Portuguesa como atesta o Parâmetro Curricular Nacional (PCN):

Interagir pela linguagem significa realizar uma atividade discursiva: dizer alguma coisa a alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico e em determinadas circunstâncias de interlocução. Isso significa que as escolhas feitas ao produzir um discurso não são aleatórias - ainda que possam ser inconscientes -, mas decorrentes das condições em que o discurso é realizado. (PCN, 1998, p. 20)

Duas lições foram aprendidas nesta aula: primeira, a produção de texto precisa ter objetivo fora da sala de aula e não como deve ser encarada apenas como uma avaliação; segunda, os alunos sabem quando empregar a Língua Portuguesa em uma linguagem mais formal.

Outro trabalho que desenvolvi foi a Rádio-Novela. A proposta era pegar clássicos infantis, recontá-lo atualizando-os e depois gravá-los em uma espécie de rádio-novela. A surpresa foi imensa pela dimensão que tomou este trabalho.

Novamente houve dificuldades. Novamente, faltou equipamento. Tive de providenciar um microfone para as gravações. A turma foi dividida em pequenos grupos, cada grupo remontou sua história. A gravação foi feita numa única máquina no laboratório de informática e foi agendado um horário para cada grupo no contra-turno. Isto tudo porque eu queria acompanhar a gravação, mas não podia deixar os alunos sozinhos em sala e não havia outra pessoa para ajudar.

As histórias tomaram a cara dos alunos. A Chapeuzinho Vermelho agora era Chapeuzinho Rosa Choque que ia para um baile *funk*. Cada grupo se preocupou com a sonoplastia. Após a gravação, os alunos ouviam sua história e eles mesmos faziam uma autoavaliação. Muitos pediram para regravar e iam corrigindo os colegas: “fala mais alto”, “mais devagar”. Corrigiam a entonação para colocar mais emoção ao texto. Na história da Chapeuzinho, o fundo musical foi produzido pelo próprio grupo. No final, houve uma apresentação para a turma. Mais uma lição aprendida: “Um dos aspectos da competência discursiva é o sujeito ser capaz de utilizar a língua de modo variado, para produzir diferentes efeitos de sentido e adequar o texto a diferentes situações de interlocução oral e escrita.” (PCN, 1998, p. 23)

Sei que poderia ter postado as histórias na internet através de podcasts. Mas isso esbarrou no meu pouco conhecimento da ferramenta no momento. A única coisa que sabia é que havia uma ferramenta dentro do Windows que fazia gravação de voz. Pronto!!! Eu não precisava de mais nada. E assim o trabalho foi feito.

Nossos alunos admiram muito a aula visual. O uso de apresentações no *Power point* com imagens, sons e vídeos enriquece a aula. Os alunos gostam, prestam atenção, participam intensamente, fazem contribuições. Como eles estão habituados a ter esses recursos diariamente, explorar isso em sala é um ganho para todos.

Uma coisa é você falar; outra, é mostrar os conceitos na prática. E está provado que o conteúdo foi aprendido. Os alunos saem da sala comentando o que viram. Eles levam para fora da escola o que ouviram e viram. O uso de cacofonia, por exemplo, foi explorado nas

músicas, causa risos, duplicidade de sentido. Tudo feito intencionalmente pelo autor. Mais uma característica do uso da língua que foi apresentada aos alunos.

Uma das dificuldades apresentadas nesse trabalho: a escola não tinha data show, não tinha caixa de som. Tudo foi providenciado pelo professor. Não se pode contar com a internet. Os trabalhos foram feitos em casa, baixando vídeos e imagens em casa, pois não podíamos contar com a internet da escola.

A escola ainda está aquém das expectativas quando se trata de “modernizar” o ensino. Em compensação, o *feedback* dos alunos apaga todas as dificuldades. O desabafo dos alunos: “Já acabou?”, “Você vai trazer mais coisas pra gente?” e até mesmo: “Professora, essa aula foi o máximo”, paga todo o esforço. É a certeza de que houve aprendizagem e que será para vida toda.

Prensky (2001, p.2) já alertava que “os Nativos Digitais estão utilizando informações muito rápidas. Eles gostam de processo paralelo e multi-tarefas. Eles preferem ver as imagens antes dos textos e não o inverso.”

O que mais chamou atenção foi a concentração dos alunos, a participação, a interação. Eles cobravam dos demais o silêncio também. O trabalho do professor foi antes. Depois foi tranquilo e tudo ocorreu bem.

2.2 UM TRABALHO PUXA OUTRO

Ao trabalhar barbarismo com os alunos ficou claro como eles conseguiram perceber os erros dos outros. A grafia inadequada de palavras em cartazes e faixas, a incoerência, a falta de acentos, etc. Percebi duas coisas: eles conhecem a língua e é mais fácil identificar os erros nos outros.

Surgiu então a ideia de uma *webquest* em que eles iriam fotografar placas com erros de concordância, regência, acentuação, ortografia espalhadas pela cidade. Esses conteúdos comumente são trabalhados de forma mecânica e descontextualizados costumam ser aplicados no final da 9º ano para o fechamento do Ensino Fundamental com sucesso. Porém, era/é um batalhão de regras para o aluno decorar e que não fazem o mínimo sentido. Para Prensky (2001, p.3) isso é característica dos Nativos Digitais que “têm pouca paciência para palestras, regras passo-a-passo, e instruções ‘ditadas’.”

Neste trabalho, tomei por base o conhecimento prévio dos alunos para então aplicar a regra. Muitos me trouxeram fotos onde percebiam que havia algo errado, mas não sabiam identificar. O mais comum, por exemplo, era o emprego do verbo VENDER na voz passiva sintética concordando com o sujeito.

No primeiro momento, os alunos achavam que iam “pagar mico”. Em seguida, feita a proposta o trabalho de campo rendeu novamente excelentes resultados. Eles conseguiram perceber com outros olhos, agora com um olhar mais crítico, todas as placas e propagandas do comércio próximo às residências. Mais uma vez, souberam empregar a Língua Portuguesa. A correção era feita em sala de acordo com o que os alunos traziam para compartilhar. Um dos cartazes me chamou atenção, estava afixado dentro da escola e fora feito por um professor. Quando eu vi o cartaz, não consegui perceber o erro. Voltando à leitura, e com um olhar mais atento pude notar de que havia realmente algo a ser corrigido.

Essa atividade fez apurar o olhar crítico dos alunos. Eles conseguiram olhar com mais atenção para placas e cartazes. E a gente pode trabalhar as regras dentro do limite dos alunos.

Sem se tornar exaustivo todo esse processo. E essa aprendizagem, tenho segurança em dizer, é um modelo de aprendizagem contínua. Por onde os alunos passarem terão esse olhar crítico e observador.

Todo esse trabalho foi estruturado numa *webquest* e em seguida deveria ser partilhada num *blog*. A ideia de compartilhar o *blog* ajuda o professor a manter o *site* sempre atualizado e explora outro recurso do próprio *blog*.

Para que não houvesse violação dos direitos autorais de quem fotografou, trabalhamos a edição de imagens. Discutimos um pouco essa questão de autoria, de respeito a quem produziu a pesquisa e foi proposto que colocassem marcas nas fotos. Apresentei um editor de imagens gratuito *Photoscape* e ensinei-os a colocar textos nas fotos. Mas o trabalho com edição de fotos também era novo para mim. E um dia, um aluno viu que tinha esse editor em meu computador e pediu para usar. Ele pegou uma foto na minha frente e modificou totalmente. Naquele instante eu aprendi com ele: o professor virou aluno. Eu aprendi muito com meus alunos. Eles me ensinaram. Foi uma partilha gratificante. Como professora dos professores é notável que nossos colegas têm necessidade de um acompanhamento, um suporte para utilizar o computador, por exemplo.

2.3 O TRABALHO DO PROFESSOR

Muitas das práticas em sala de aula envolvendo diferentes TICS partiram de buscas individuais na internet, grande parte sem orientação específica, apenas na tentativa de encontrar novas ferramentas ou mesmo trabalhos similares em outras escolas do país.

No trabalho no NTE, percebo o quanto nossos professores ainda precisam aprender. O quanto eles se sentem acuados e tímidos em lidar com os computadores por medo de errar. Temos professores que ainda não conseguem vencer o *mouse* o que dirá de outros programas mais “sofisticados” como o *Power point* (no Linux, *Impress*), o *Excel* (*calc*) ... De acordo com Prensky (2001, p. 3), a maioria dos professores não possuem habilidades ou formação para lidar com os desafios oferecidos por estas novas tecnologias.

Não deixa de ser uma alegria imensurável poder ver seu aluno/professor aprendendo a usar o computador. Eles se tornam crianças no laboratório de informática. Muitos já estão próximos de aposentar e se alegram de ainda ter tido tempo para aprender.

Nota-se também, a impaciência dos Nativos Digitais em ensinar conteúdos aos Imigrantes Digitais. Várias experiências que tivemos, narram histórias de pediam ajuda aos filhos para que ensinassem a utilizar determinada ferramenta e eles tomavam a frente no computador e faziam, mas não ensinavam. Ou às vezes se limitavam a dizer: é assim, assim e assim. Pronto!!!

Palfrey (2011, p.280) fala que “as escolas do futuro vão precisar de um corpo docente do futuro” e cita mais que esta relação deve ser de partilha: os professores que sabem um pouquinho mais na escola, partilhando com os demais. Dando o suporte necessário que novos professores, mais professores possam utilizar as tics com sabedoria. O ensino de língua portuguesa torna-se significativa a partir do momento que o aluno troca experiência com o professor. Compartilha conhecimento e corrige o que for necessário.

A Língua Portuguesa vem mudando o seu foco nos últimos anos, o seu propósito em sala e com as novas tecnologias, os novos gêneros. “A linguagem está mudando”, afirma Vieira (2007, p. 21). Os PCNS que permeiam a educação no Brasil perfazem essa mudança de foco da Língua Portuguesa na primeira parte da apresentação:

A nova crítica do ensino de Língua Portuguesa, no entanto, só se estabelecerá mais consistentemente no início dos anos 80, quando as pesquisas produzidas por uma linguística independente da tradição normativa e filológica e os estudos desenvolvidos em variação linguística e psicolinguística, entre outras, possibilitaram avanços nas áreas de educação e psicologia da aprendizagem, principalmente no que se refere à aquisição da escrita. Este novo quadro permitiu a emergência de um corpo relativamente coeso de reflexões sobre a finalidade e os conteúdos do ensino de língua materna. [...] A divulgação dessas teses desencadeou um esforço de revisão das práticas de ensino da língua, na direção de orientá-las para a ressignificação da noção de erro, para a admissão das variedades linguísticas próprias dos alunos, muitas delas marcadas pelo estigma social, e para a valorização das hipóteses linguísticas elaboradas pelos alunos no processo de reflexão sobre a linguagem e para o trabalho com textos reais, ao invés de textos especialmente construídos para o aprendizado da escrita (PCN, 1998, p. 17 e 18)

3. OS INTERNETÊS

Sendo “o objeto de ensino e, portanto, de aprendizagem é o conhecimento linguístico e discursivo com o qual o sujeito opera ao participar das práticas sociais mediadas pela linguagem” (PCN, 1998, p. 22), interessei-me por pesquisar sobre os *internetês*. Como e onde esta nova linguagem interfere no uso da Língua Portuguesa em sala de aula? O que vem a ser *internetês*?

A palavra *internetês* é um neologismo derivado da palavra *internet* mais o sufixo (-ês) responsável por formar adjetivos a partir de substantivos. A palavra *internet* é formada por um pseudoprefixo (*inter-*) mais a palavra inglesa *-net* que significa rede. O termo *internet* significa uma rede de redes. Filippo e Sztajneberg (1996, p.9 apud RAMOS, 2009, p.71) dão uma definição mais técnica do que seja *internet*:

Já que há benefícios de se interligar computadores entre si, por que não ligar redes entre si, formando uma rede de redes? Dessa forma, qualquer pessoa poderá ampliar os recursos que dispõe, pois terá outras possibilidades que o ambiente computacional onde trabalha não oferece. Uma rede de redes é também uma rede, vista sob uma perspectiva maior. Quando falamos, por exemplo, da rede de uma universidade, podemos falar de uma rede que é formada por várias redes. Mas interligar redes entre si deu origem à palavra **inter-redes**, termo pouco usado em português. Em inglês, utiliza-se **internetwork** ou, abreviadamente, **internet**.

O *internetês* dá nome a palavras abreviadas utilizadas na *internet*. Para Marconato (2006, s.p.) essa linguagem “acrescenta uma leve dose de humor às mensagens *on-line*”.

O *internetês* é conhecido como forma grafolinguística que se difundiu em textos como *chats*, *blogs* e demais redes sociais. Seria uma prática de escrita caracterizada pelo registro divergente da norma culta padrão [...] razão pela qual seus adeptos são tomados como “assassinos da língua portuguesa”, do ponto de vista dos avessos a essa prática de escrita. (KOMESU; TENANI, 2009, p.624)

Desde quando surgiu essa nova “língua” surgiu a preocupação dos pais, dos professores e psicólogos para com a interferência que ela faria/faz na sala de aula.

Para Freitas (2004, p.6), os professores (e aqui incluo os pais e psicólogos) encaram com um certo preconceito a forma peculiar da escrita “teclada” por desconhecimento das possibilidades que o meio eletrônico oferece.

Antes de ser uma deturpação da língua portuguesa, julgo os internetês como uma linguagem bastante criativa. “Os papeadores investem toda sua criatividade para conferir a seus interlocutores, nessa conversação escrita, o acesso ao sentido de forma mais global[...]”, diz Freitas (2004, p.8).

Para Saussure (2006, p.17) “a língua é um produto social da faculdade de linguagens e conjunto de convenções adotadas por um corpo social”. Sendo assim, os jovens souberam muito bem como empregá-la. Exploraram a pontuação, que já existe, para carregar emoção, espanto, tristeza, raiva, por exemplo. A repetição de letras para alongar, prolongar sons dando ênfase na palavra. O uso dos *emoticons*⁹ visualiza caras que não podem ser notadas pela internet. Ou que não se que mostrar. De acordo com o ícone utilizado muda a forma como foi recebida ou como é repassada a mensagem. Ela vai cheia de emoção e ideologias, e volta também repleta de carinhas na tentativa de retratar o mais próximo possível da mensagem que quer chegar ao receptor. A escrita informal e simplificada das palavras veio dar velocidade ao texto na internet.

Em linguística temos o código escrito e o código oral. Os *internetês* utilizados na internet, principalmente nos *chats*, caracterizam-se por uma linguagem híbrida, uma mistura do código escrito oralizado, ou fala/escrita criptografada como sugere Bisognin; mais a soma de outros suportes semióticos como o som (onomatopeias), a pontuação que é um grande indicador de expressividade, do gestual, da entonação e da ênfase e a imagem. É uma nova forma de texto escrito que se aproxima mais da oralidade, como uma reoralização da língua. Os alunos têm necessidade de que a escrita venha junto com uma imagem, com expressões que carreguem sentimentos, sensações.

Tenho observado que os *internetês* é uma consequência do momento em que estamos passando, da mudança na sociedade, da necessidade de empregar uma linguagem visual, dessa multimodalidade na escrita. “A língua reflete, portanto, os valores da sociedade, a modalidade de prestígio foi eleita como modelo porque socioculturalmente representa o uso de uma elite intelectual do momento e não porque são as “legítimas” e “puras” construções da língua portuguesa.” (NEVES, 2003, p.46)

Vieira (2007, p.9), acrescenta que o ritmo das inovações tecnológicas da pós-modernidade, sem precedentes na história, provocou profundas mudanças e alterações na linguagem escrita. Kress (1997 apud Vieira 2007) declara que essas transformações ocorreram, sobretudo, nas mídias e nos modos de comunicação das últimas décadas. Os avanços e as mudanças nas comunicações transglobais exercem poder transformador nos eventos de escrita, alcançando principalmente o texto.

Ela é escrita por valer-se de grafemas, ao mesmo tempo, ao aproxima discurso oral por suas possibilidades quanto à interatividade, por nela podermos identificar traços de organização de troca de turnos, pelo discurso ser construído conjuntamente e localmente pelos integrantes, e por ele ter sua forma influenciada pela pressão do tempo, tal como acontece na conversação. Marcuschi (2007, p.15) alerta que “a interação face a face não é condição necessária para que haja uma conversação.” E temos claro isso com os *internetês* que se

⁹ Caracteres que formam carinha nas mensagens utilizadas na internet.

assemelham à conversação, também, por recorrer, ainda que semioticamente, à contextualização paralinguística, por seus usuários parecerem necessitar tão insistentemente transportar para a tela do computador suas risadas, tons de voz e expressões faciais. “Iniciada a interação, os participantes devem agir com atenção tanto para o fato linguístico como para os paralinguísticos, como os gestos, os olhares, os movimentos do corpo, e outros” (MARCUSCHI, 2007, p.16).

É interessante notar como os detalhes dessa conversação são transcritos na escrita dos jovens na internet. “Várias mudanças ocorreram no cenário da comunicação, sendo que as principais são o uso de cores, a **presença de elementos que sugerem efeitos sinestésicos; o uso de poucos caracteres escritos** [...] (KRESS, 1997 apud VIEIRA, 2007, p. 30, grifo nosso)

Os *internetês* são enunciados específicos de alguns interlocutores (adolescentes da contemporaneidade) que tratam de assuntos específicos dessa idade. Para Bisognin (2009, p.145) a língua da internet e a língua culta são aspectos da variação sociolingüística relacionados à classe social, ao nível de escolaridade dos usuários como também ao registro utilizado em cada situação de comunicação. O PCN (2008, p. 23) reforça que “a importância e o valor dos usos da linguagem são determinados historicamente segundo as demandas sociais de cada momento.”

As caras (*emoticons*), o excesso de grafemas e pontuação, o alongamento de letras (normalmente vogais) são importantes para estabelecer e manter a comunicação entre os jovens.

Gosto de dizer que os *internetês* passaram a ser uma linguagem semiótica contemporânea. Uma representação multimodal da língua. “A fala e a escrita agora dividem espaço no cenário comunicacional com outras modalidades, como a gestual, a sonora e, principalmente, a visual.” (VIEIRA, 2007, p.8)

4. CONCLUSÃO

A preocupação dos pais/professores deve-se ao momento. O que observo é que essa linguagem não passa para o caderno inconscientemente. Somente se o escritor/aluno permitir. Ainda é muito utilizada em sites de bate-papos pela necessidade de se escrever rápido, e muitas vezes o aluno ir “catilografando” a escrita diminui as palavras.

Outra observação que faço quanto aos *internetês* é que ele é utilizado dentro da internet. Parece-me que os alunos têm uma consciência embora um tanto quanto inconsciente do uso dos *internetês* se limitando à internet e/ou uma representa escrita de um MSN de papel, que é como eles chamam os bilhetinhos que rodam as salas durante as aulas.

Quando se parte para o texto, pouco ou nada se é utilizado deste recurso. Eles não sabem o porquê de não utilizá-los, mas a gente percebe que há regras intrínsecas ao uso da linguagem própria dos novos gêneros textuais e elas são respeitadas.

Pesquisas têm demonstrado que os *internetês* não têm interferido nas produções de sala de aula. Nem tudo o que parece escrita do *internetês*, tem a ver com *internetês* nos textos escolares, como: agente (a gente); mais (mas); vai enche (vai encher), etc.

Autores como Freitas e Castilho apud Marconato (2006) partem do mesmo pressuposto e afirmam que esse tipo de linguagem nada mais é que um código secreto de uma

comunidade jovem e moderna. Uma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade como sugere Saussure(2006).

Possui características que já aconteceram na norma padrão, em outros períodos históricos (Português medieval – abreviações), sendo caracterizada, inclusive, como parte da metamorfose natural da língua. Para esses autores, os *internautas*, por utilizar um suporte especial (computador), acabam criando escritas especiais, escrevendo, então, de duas maneiras (padrão e *internetês*), demonstrando, assim, maior competência.

Outros autores, tais como Martins apud Marconato (2006) e Nogueira apud Gutierrez-Gonzalez (2007), defendem que o *internetês* é prejudicial ao ensino de Língua Portuguesa, uma vez que o aprendizado da escrita estaria condicionado à memória visual. Se há o inventar de diferentes grafias, muitos jovens, ainda em formação, tenderão à dúvida, além da instalação de irreversíveis vícios em relação à ortografia.

Essa discussão não se encerra aqui. Ainda há muito que pesquisar. Parto Encerro por aqui este relato com palavras de Benveniste (1995, p.286): “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito”.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 14 ed. São Paulo: HUCITEC, 2010.
- BISOGNIN, Tadeu Rossato. *Sem medo dos internetês*. Porto Alegre, RS: AGE, 2009.
- FREITAS, Maria Thereza. O universo criativo da escrita “teclada”. *Nós da escola*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 23, 2004. Disponível em: <http://portalmultirio.rio.rj.gov.br/portal/_download/revista23.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2012.
- KOMESU, Fabiana e TENANI, Luciani. Considerações sobre o conceito de “internetês” nos estudos da linguagem. *Linguagem em (Dis)curso*. Palhoça, SC. V.9, n.3, p.621-643, set/dez. 2009. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0903/090309.pdf>> Acesso em: 20 mai. 2012.
- KRESS, G. Multimodal text and critical discourse analysis. It: Proceedings of the First Internacional Conference on Discourse Analysis. Compilado por Emília Ribeiro Pedro. University of Lisbon, Portugal: Colibri, 1997.
- MAGNABOSCO, Gislaine Gracia. *Hipertexto e Gêneros digitais: modificações no ler e escrever?* In: *Conjectura*. V. 14, n. 2, maio/ago. 2009.
- MARCONATO, Silvia. A revolução do internetês. *Revista Língua*. Disponível em: <http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11061>. Acesso em: 03/05/2012.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. – 6.ed. –São Paulo: Ática, 2007
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN): terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília : MEC/SEF, 1998
- PALFREY, John e GARSSER, Urs. *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais*. Artmed, 2011.

PRENSKY, Marc. *Digital Natives, Digital Immigrants*. NCB University Press, vol.9, nº5, Oct. 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2012.

RAMOS, Edla Maria Faust. *Introdução à Educação Digital*. 2. Ed. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação à Distância, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. – 27.ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.

VIEIRA, Josenia Antunes et al. *Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal*. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.